

## A INSUBMISSÃO FEMININA DE ADDA EM CRUEL AMOR, DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA

### ADDA'S FEMALE INSUBMISSION IN CRUEL LOVE, BY JÚLIA LOPES DE ALMEIDA

Tiago Rodrigues Fernandes\*

RESUMO: Em *Cruel amor*, de Júlia Lopes de Almeida, apesar de ter como fio condutor uma comunidade de pescadores na praia de Copacabana, o foco narrativo está sobre as mulheres. É um romance com muitas possibilidades de análises, portanto o recorte deste trabalho está pautado na representação feminina, na figuração da protagonista Adda. Ela é uma jovem insubmissa às regras de um sistema que tende a oprimir as mulheres. Por conta disso, não é bem vista dentro do contexto social que integra. Essa pesquisa de caráter bibliográfico se valeu do texto *Sociedade e indivíduo*, de Norbert Elias. Uma das principais considerações a que este trabalho chegou foi a de que Júlia Lopes de Almeida privilegia em suas narrativas o feminino, com o intuito principal de ressaltar o protagonismo não só literário como também social das mulheres.

PALAVRAS-CHAVE: Júlia Lopes de Almeida. Cruel amor. Feminino.

ABSTRACT: In *Cruel Amor*, by Júlia Lopes de Almeida, despite having as its main theme a community of fishermen on Copacabana beach, the narrative focus is on women. It is a novel with many possibilities for analysis, therefore the focus of this work is based on female representation, in the figuration of the protagonist Adda. She is a young woman who does not submit to the rules of a system that tends to oppress women. Because of this, she is not well regarded within the social context in which she is part. This bibliographical research used the text *Sociedade e indivíduo*, by Norbert Elias. One of the main considerations reached by this work was that Júlia Lopes de Almeida privileges the feminine in her narratives, with the main purpose of highlighting not only the literary but also the social protagonism of women.

KEYWORDS: Júlia Lopes de Almeida. Cruel love. Feminine.

---

\* Graduado em Letras Português/Espanhol pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: tiagoroffer96@gmail.com.

*E o amor, em vez de dar,  
exige. E quem gosta de nós  
quer que sejamos alguma  
coisa de que eles precisam.*

– Clarice Lispector, *A descoberta do mundo*.

## INTRODUÇÃO

Júlia Lopes de Almeida é uma escritora ainda por muitos desconhecida. Isso se dá ao fato de que, após a sua morte, é esquecida pelo público leitor e também pela crítica literária. A consequência disso é uma crítica ainda muito incipiente. Sua vasta produção ficcional ainda carece de análise, pois boa parte dos estudos se resume ao básico. Em vista disso, este trabalho se propõe a analisar a personagem feminina de nome Adda, que é insubmissa ao controle masculino. Adda é a protagonista. Como é de praxe nas obras almeidianas, o foco narrativo está sobre o feminino. *Cruel amor*, é também um romance muito pouco conhecido e tão pouco dispõe de análises substanciais. Com este artigo visou também jogar luz sobre essa obra tão injustiçada.

O enredo que gira em torno de Adda envolve Rôla, sua mãe adotiva, em cuja porta a moça foi, ainda recém-nascida, abandonada; Ruy, estudante de direito, apaixonado pela personagem e com quem manterá um caso amoroso até que ela opte pela fuga com Eduardinho. Esse, por sua vez, é um dos poucos personagens ricos da história, pois é neto de um senador; também é sobrinho de Leonor, amiga rica de Adda que será a ponte entre essa e Eduardinho e entre essa e o mundo da burguesia. Há também, nessa trama de relações interligadas, coronel Magino, pai de Ruy. É ele quem vai nutrir um profundo ódio da mãe adotiva de Adda, Rôla, que por consequência se projeta também na filha. Isso fará com que ele trabalhe incansavelmente para que o filho não se case com essa jovem que ele considera impura. A rivalidade entre Magino e Rôla está associada a um passado em que Rôla era amiga da mulher de Mangino, frequentava a casa e ajudava a cuidar do filho, mas, por isso também, era testemunha das brutalidades a que o coronel submetia a esposa. Por fim, Dona Angela - personagem que só existe no tempo psicológico, uma vez que já morreu- era a mulher de Mangino, mãe de Ruy. Morreu depois de ser oprimida pelo marido. Mantida presa por toda a vida de casada, ela adoece, enlouquece e morre no hospício. Nessa rede de relações, Júlia Lopes de Almeida constrói uma trama, em que passado, presente e futuro estão unidos, ambos somados para um resultado que nunca é bem um final, mas sempre em trânsito, contínuo.

*Cruel amor* dissolve as linhas entre realidade e ficção, é o testemunho de que muito pouco, dentro do convívio social, depende de um só indivíduo.

## UMA ANDORINHA VOANDO SOZINHA

Sobre o enredo de *Cruel amor*, Norma Telles escreve que, além de narrar a vida dos pescadores, o romance conta com a “trama do aprisionamento e fuga, da exclusão da mulher até que descubra por si mesma um meio de se libertar das malhas que o destino lhe impôs”. Não obstante, Júlia Lopes de Almeida “nota como o amor romântico depende da coerção e escravidão e da perda do autorrespeito pelo ridículo imposto às mulheres” (Telles, 1997, p. 440). Essa análise está mais centrada em Adda, a personagem que mais entra em embate com os costumes que ditam as normas daquela sociedade representada no romance. Adda não se submete ao controle de Ruy, mesmo este usando do amor como forma de persuadi-la. A sua história é marcada pela indecisão, porque está indecisa entre ficar com ele e aceitar a corte de Eduardinho. É uma escolha muito difícil para a personagem e, até o último momento, ela se manterá na incerteza de que por caminho seguir. É muito em cima da hora que ela se decidirá, muito mais por impulso do que pela razão, ir embora com o sobrinho rico de sua pseudo amiga. Em algumas passagens da narrativa fica claro que ela não via, em um possível futuro com Ruy, um destino bom para ela. Ele tinha a mesma propensão que o pai para aprisioná-la, além de que seria certamente uma vida de limitações. Fugir com Eduardinho, porém, a contar pelo impulso de última hora, não me parece ser uma decisão apenas guiada pela ambição de uma vida de luxo. Nem tampouco é uma alternativa melhor para alcançar uma possível liberdade, até porque, do ponto de vista desta análise, nem *Cruel amor* nem esse que aqui vos escreve acredita que alguém possa ser de fato livre, muito menos naquela época. Como veremos, ela pode libertar-se do controle obsessivo de Ruy, mas é apreendida pelas imagens de sofisticação da elite burguesa. Ao mencionar o amor, Norma Telles está referindo-se ao fato de que Ruy usava desse sentimento como uma forma de chantagem emocional para tentar prender Adda às suas expectativas, para pedir que ela sacrifique, em nome de uma vida juntos, “o teu corpo a tua alma, a tua vaidade ao teu critério; mais nada” (p. 64). ‘Mais nada’ só pode ser ironia da autora, uma vez que já não resta o que ser sacrificado. Nessa relação há um padrão que tende a se repetir. Ruy passa toda a história pedindo para que Adda se comporte como uma mulher que ele considera digna de casamento. Pede para que ela se vista de forma que esconda seu pescoço, seus ombros; que não se enfeite tanto, ao ponto de chamar a atenção por sua beleza; pede que se resigne a sua condição de pobreza, para que possa viver uma vida simples, humilde, ao lado dele. Declara que, quando ela se tornar sua mulher, a trancará “a sete chaves. Para mim, só para o meu orgulho e o meu amor” (p. 64),<sup>1</sup> o que o fará repetir as atitudes do pai para com a mãe dele. Como com os passarinhos, presos em gaiolas para o orgulho do homem, que diz amar ouvir o som de seus cantos, aqui o amor romântico também está associado a uma prisão. Adda, embora por momentos concorde em ser comedida, não se limita às expectativas do pretendente. Por conta disso é que Ruy a acusa de não o amar como ele a ama: “se

<sup>1</sup> A partir daqui, as citações diretas do romance *Cruel amor* serão referenciadas apenas pelo número da página em que se encontra na edição lançada pela Editora Janela Amarela, em 2021.

me amasses, um pouco ao menos, custar-te-ia tão pouco fazer-me feliz” (p. 64). Mas o ponto de vista dela é outro: “Se me amasses deverias desejar a minha felicidade” (p. 182), e diz que o amor não é escravidão. A principal ideia, talvez, que o romance nos traz na figuração de Adda seja a de que o amor romântico pode ser, na verdade, uma prisão. Iria suprimir toda a sua já parca liberdade, podendo chegar ao ponto de matá-la, como ocorreu com Ângela.

Contudo, como uma andorinha voando sozinha não faz verão, Adda, destoante nesse cenário, é vista, por alguns personagens do enredo, como imoral, uma vez que não se resignava às expectativas daquela pequena comunidade em relação ao comportamento da mulher. Para o pai de Ruy, terrivelmente contra a união dos dois, ela “não era mulher talhada para esposa, para os sacrifícios do lar de pobre e as grandes abnegações da maternidade”. Na visão dele, um exímio representante do patriarcado, “ela era a incógnita, saída de um ventre impuro e atirada como um sobejo para a porta de uma mulher desonesta” (p. 177). Culpada por uma condição aquém de seu controle, Adda, porém, não se vê dessa forma: “— Eu não tenho culpa do crime de meus pais para arrastar toda a vida a sua responsabilidade. Tenho jus a viver e a ser amada, como as outras mulheres. Sou bonita, sou moça”. (p. 132). Esse é uns dos fragmentos em que se nota autoconsciência da personagem. Era, sobretudo, uma mulher de personalidade, consciente de sua beleza. Compreendia bem o quanto era bonita e isso fazia com que se revoltasse mais com sua condição de pobreza: “seu destino ingrato obrigava-a a permanecer na sua cadeira de costura, picando os dedos, desperdiçando a beleza de que tinha tão nítida consciência...” (p.189).

### UMA DEUSA SENSUAL E PAGÃ

Adda é uma figura destoante no romance. Essa condição tem evidências tanto na descrição que faz o narrador de suas roupas como dos espaços em que ela circula. O narrador articula a linguagem de sua escrita para erotizar até mesmo a relação da personagem com o espaço, ao mesmo tempo expõe ao leitor a visão social sobre a personagem, por meio dos olhos de Ruy. Na citação direta a seguir, a visão de narrador e personagem se confundem, quase que indissociavelmente. Muito provavelmente é mais o ponto de vista de Ruy, atormentado pela sensualidade da mulher que ama, exposta assim, para todos:

entre o grupo pálido das virgens veladas, a sua figura ressaltava num destaque sensual, como seu vestido escuro degolado mostrando-lhe o pescoço roliço e branco, todo nu, o cabelo negro abundante enrodilhado na nuca num rolo transpassado por um prego dourado e um enorme hibisco escarlata sangrando-lhe peito arredondado, feito para o amor. Parecia Uma Vênus de joelho, castigando a sua carne de pecado, e redimindo a sua alma no anseio desesperado das súplicas católicas (p. 51).

A descrição toda é uma profanação do templo religioso. A deusa pagã, do amor e da fertilidade, assemelha-se à personalidade de Adda no romance. Sensual. O cabelo enrolado representa o órgão genital feminino, que, lembrando o ato sexual, é transpassado por um prego dourado, o órgão genital masculino. Na cor escarlate da flor, a escritora metaforiza a perda da virgindade. Nesta cena, Júlia Lopes de Almeida, de forma sutil, aposta com ousadia no teor erótico na caracterização da personagem. Mais à frente, quando Adda está em aulas de natação com Eduardinho na praia, a escritora volta a optar por esse mesmo estilo, agora simulando, no espaço natural, o movimento do ato sexual: “na água mansa, o Eduardinho ensinava agora Adda a nadar. As suas mãos magras, de longos dedos, tateavam-lhe o corpo esbelto e lindo, suspendendo-o sobre a água mole, **fazendo-o ir e vir de um a outro ponto**” (p. 247, grifo nosso). Ela deixava-se conduzir por ele, “passivamente”, ainda diz o narrador.

Na página seguinte, a descrição do espaço é concluída com o espreguiçar-se da água em uma volúpia mole, “deitando-se na areia em ondas cansadas. Toda a manhã era como um suspiro de amor...” (p. 248). O final nos faz lembrar o relaxamento após o gozo do ato sexual.

#### UMA GATA BORRALHEIRA

Um dos pedidos de Ruy é para que Adda não mais aceite os vestidos usados de sua amiga Leonor. Esta dava-lhes aqueles que não mais queria usar, aquela, afeita ao ofício da costura, customizava-os. Para o estudante, isso era o mesmo que aceitar, de forma humilhante, como esmola, os restos da amiga rica. Porém, Adda não pensa da mesma forma: “– Gosto de bailes, gosto de andar bem vestida, e não tenho vergonha de vestir os restos de uma amiga boa e discreta como Leonor, já que não tenho dinheiro para comprar vestidos” (p. 182-183). Leonor não é uma amiga boa, mas, sim, usa Adda e seus dotes com a agulha para ajustes em seus vestidos. Adda, para ela, se afigura mais como uma dama de companhia. Na relação dessas duas personagens de classes sociais opostas, a autora evidencia uma forma de tratamento que pessoas ricas dão aos pobres. Leonor até pode permitir que Adda a chame de amiga, mas a trata como empregada, e esse vínculo só pode ser mantido dessa forma. No momento em que a família de Leonor começa a perceber que Eduardinho está demonstrando mais interesse em Adda, batem com a porta em sua cara. É a representação de uma classe que gosta de ser servida, mas jamais espera que aqueles que os servem tornem-se um deles. Essa amizade é o que dá acesso à personagem pobre ao mundo da elite, mas ela só o pode acessar como alguém que está abaixo no nível social. Em uma das últimas vezes em que Adda vai até a casa da amiga, quando esta a chama para que a ajude a se vestir para uma festa, a avó, Delfina, a recebe com rispidez: “que entrasse, Leonor esperava por ela, já que a pusera naquele costume, que a fosse pentear e vestir” (p. 254). A personagem é convocada e vai de Copacabana a Ipanema apenas para pentear os cabelos da amiga. No quarto, o narrador não polpa palavras para desenhar a situação humilhante a que Adda estava submetida. A representação é simbólica diferenças de

classe entre as duas personagens: “picando-se em alfinetes, enfiando e desfiando agulhas, a moça se arrastava de joelhos no chão, corrigindo os defeitos do vestido da amiga, cuja imagem se reproduzia impassível no cristal do espelho” (p. 255). O adjetivo com que o narrador descreve o reflexo de Leonor traz um sentido quase perverso para a personagem, de alguém que sente um certo prazer em subjugar, em inferiorizar para se sentir superior.

Uma das ocasiões em que Adda usa um desses vestidos é no baile do pai de Leonor, senador Guidão. Do ponto de vista de Ruy, “a sala tinha um ar burguês, familiar. [...] As fisionomias tinham uma expressão expectante, quase aborrecida” (p. 71). Impregnava o ambiente um ar de enfado. Aqui parece não haver a alegria e vivacidade que geralmente estão associadas ao conceito de festa. Adda, ao adentrar no salão, chama para si a atenção de todos os presentes, pois ela “aparecia, com o colo e os braços nus, em toalete de gala. No meio de todos os vestidos afogados que enchiam o salão, o seu assumia ares de petulância e de desafio, pelos seus tons flamantes e formas impudicas” (p. 72). Ela era pobre, mas vestia roupas finas. O narrador relata a inveja por, mesmo com um vestido surrado, ela conseguir ser a mais bonita e admirada do salão. No entanto não deixa de ponderar, “todas as senhoras conheciam a origem daquela seda amarrotada” (p. 72). Isso acomoda o despeito, vestido doado quase como uma esmola. Comentava-se no salão a sua falta de pudor, o seu atrevimento. Ela fingia não perceber, mas “revoltava-se contra aquela miséria que a sujeitava a tantos comentários” (p. 72). Adda é uma mulher deslocada, desencaixada da sociedade em que vive. Ela não se vê pertencente àquele contexto, pois não se adequa às normas por ele impostas, mais que isso, não as aceita. Mas ela também não tem nada nem ninguém em quem se apoiar. É uma andorinha voando sozinha. Por isso, ela também, por vezes, parece estar perdida e ser contraditória. Ela não se vê como parte daquela comunidade de pescadores em que nasceu. A sua própria forma de se vestir a distância daquele meio. Por outro lado, ela não tem condições financeiras para acessar o outro mundo, isso dó se dá por meio de uma espécie de criada de Leonor. Nesse mesmo sentido, Ruy e Eduardinho se apresentam como uma forma de complicar ainda mais a suas já frágeis certezas. Assim ela é deslocada tanto social quanto amorosamente, e, na verdade, uma coisa parece estar ligada a outra. Não segue a cartilha de bom comportamento ditada por Ruy, e não tem condições financeiras para estar à altura do que a família de Eduardinho espera de uma mulher digna de ser a sua noiva. No que diz respeito à contradição, é um aspecto importante no romance. A própria sociedade é contraditória, porque é o embate dos indivíduos com o coletivo. A individualidade de Adda, que é formada em relação com todos dentro do tecido social do qual faz parte, se destaca e entra em conflito não só com os personagens com que tem relação como também com ela mesma. Porque, ao estar ligada a inúmeras pessoas e fazer parte de um conjunto social, ela precisa lidar não só com suas vontades, mas com uma série de outros elementos para além de seu controle. As expectativas para seu gênero e para sua classe, dentro do contexto histórico em que vive, são bons exemplos disso.

Na sociedade, caracterizada como rede de relações móveis por Norbert Elias, cada indivíduo tem sua função mais ou menos estável, de forma a não ser possível alterá-la facilmente de uma hora para a outra. Um pouco dessa definição serve-nos para entender melhor a representação de Adda em *Cruel amor*. Ela não vive isolada. Aliás, assim como ela, nenhum dos personagens ali pode ser entendido de forma isolada. E essa relação com os outros, e em um sentido maior, com a sociedade, que é a contradição. As pessoas têm suas expectativas, mas o mundo tem suas exigências. Temos a nossas vontades, mas a vida em sociedade impõe suas obrigações. É isso que Elias vai descrever como relações de interdependências, noção que pode ser aplicada a todo o romance. Por essas relações, estamos, segundo o autor, vinculados uns aos outros de forma ininterrupta; assim, formamos longas cadeias de atos, “para que as ações de cada indivíduo cumpram suas finalidades” (p. 23). Na visão dele, isso é uma forma de aprisionamento: “Assim, cada pessoa singular está realmente presa; está presa por viver em permanente dependência funcional das outras; ela é um elo nas cadeias que ligam outras pessoas, assim como todas as demais, direta ou indiretamente, são elos na cadeia que a prendem” (p. 23). Dentro daquela sociedade, as mulheres tinham suas funções muito bem delimitadas, assim como ditados seus comportamentos padrões. Isso entra dentro das funções estabelecidas para elas. Nesta rede de relações móveis, por consequência, tornam-se aquilo que se espera delas, variando de acordo com a classe social. O que me parece é que Adda é um bom exemplo de alguém que não está querendo seguir o script. É uma escolha que ela pode fazer, e que certamente terá consequências. Ela é a representação de uma personagem feminina em embate com a norma de conduta social elitista?

#### A ROUPA COMO FORMA DE PRISÃO

É por conta de outro vestido que Leonor lhe dá que ela e Ruy discutem novamente. Desta vez, no momento em que voltava da casa da amiga com o embrulho, Ruy a encontra na praia, tira o pacote das mãos de Adda, e continuam a caminhar. Já aqui, ele desencadeia uma série de censuras já muito repetidas anteriormente em súplicas para ela: “o teu penteado, o teu sorriso, o teu andar, o decote dos teus vestidos, o polimento das tuas unhas, denotam a preocupação de seduzir” (p. 180). Ele, mais uma vez, pede para que ela seja mais simples, porque tem ciúmes. Uma vez que a ideia de aprisionamento perpassa o romance, é interessante pensar aqui, no contexto todo da representação de Adda, na insistência de Ruy para que ela se vista de forma menos decotada, denotando que a própria roupa da mulher se constituía como uma forma de aprisionar o corpo feminino. Ruy sobre isso ainda pede para que ela se faça feia para os outros e bela só para ele, ou seja, que se cubra em público e se mostre apenas aos seus olhos, entre quatro paredes. Que ela abandone o autocuidado, expressa em detalhes, como o polimento das próprias unhas. Diz ter muito ciúmes, porque tem medo, sobretudo porque a deseja para sua mulher. O receio aqui é pela falta de controle sobre o corpo dela, que ele não

tem. Ruy insiste em tom imperativo “tu não vestirás este vestido”; “não irás ao baile”; “nem sairá de casa” (p. 181). Pede para que Adda devolva-o. Nessa cena, se sobressai com mais ênfase a centralidade da vontade masculina. Ruy diz: “renuncies a tudo pelo **seu** amor” (grifo nosso). A mulher renunciando a si mesma, para a felicidade e crescimento do homem. E, diante da irredutibilidade de Adda em obedecer aos seus pedidos, o moço “atira o embrulho das sedas no mar” (p. 183). Logo depois, ele se arrepende, pois age por impulso, assim como o pai. Adda, revoltada, segue na frente, sem responder aos pedidos de desculpas de Ruy, já agora muito arrependido. Por fim, ela diz:

Procure outra mulher, Ruy, que o compreenda. Eu sou imperfeita e adoro a minha imperfeição, para poder emendar-me. Não nasci para freira, nem tampouco para mulher de um homem capaz de me deixar presa em casa pelas tranças... como... como... alguns ciumentos que há por aí. E agora fique sabendo que hei de ir ao baile seja como for e que hei de dançar até à madrugada! (p. 184).

A personagem é composta por uma personalidade forte e determinada. Convicta de sua beleza e do que quer para sua vida, ela não se curva às vontades de Ruy, não se anula para caber no mundo dele. Assume seus próprios defeitos, para que seja possível melhorar, aceita-os como parte de quem é, somente assim, pode, então, emendar-se. Ela não pede permissão, não aceita restrições, atitudes que a colocam em embate direto não só com o pretendente a namorado, mas também com o sistema em si. Além disso, não está preocupada com a opinião da sociedade sobre suas condutas. O que lhe importa é seu próprio bem, embora o seu verdadeiro dilema seja saber qual é esse bem. Porque não há garantias. A vida em *Cruel amor* é uma aposta. E Adda apostará alto. Essas características são quase que de uma revolucionária, tendo em vista o furor de certas atitudes de Adda. Isso percebemos na cena em que ela customiza seu vestido para o baile supracitado: “arreatou a tesoura, febrilmente e, sem um minuto de hesitação, cortou as mangas do vestido[...] Os braços devem ficar completamente nus... disfarço as cavas com tufos de gaze... isto arranja-se depressa!”. Além disso, com igual ousadia, “pegou de novo na tesoura e, sem trepidar, talhou o corpete no peito e nas costas” (p. 70). Ao cortar partes do vestido e pôr à mostra aquilo que deveria esconder, Adda está cortando também correntes sociais que prendem a mulher em seu próprio corpo. Um questionamento que, por isso, Ruy se faz é se “o egoísmo da beleza seria nela mais poderoso do que o amor, ou o amor não seria nenhum?!” (p. 72). Nesses termos, não é permitido à mulher amar-se mais do que ao homem. O que vem antes, na construção desse parágrafo, expõe, nos pensamentos do personagem, uma contradição. Ao ver Adda entrar no baile, com os cabelos entrelaçados em pedrarias falsas, ostentado sua carne moça, mostrando a nascente de seus seios, ele se pergunta se é possível ser ela a mesma mulher que, poucas horas antes, tinha lhe prometido “esconder, disfarçar a sua formosura provocadora, para se aproximar assim da felicidade que ele sonhava”; ainda, nas linhas seguintes, a primeira pessoa do singular impera: “seria a mesma



criatura em que ele encarnava o seu melhor sonho de felicidade” (p. 72). O que o fragmento nos dá é a predominância das vontades e da própria felicidade masculina sobre a feminina. Adda preocupar-se com sua beleza é egoísmo, porém Ruy nem se dá conta de que, ao pensar em seu futuro relacionamento com ela, só considera os seus próprios desejos e projetos. Nessa perspectiva, o uso da primeira pessoa do singular predomina na fala do personagem. Já a presença do verbo encarnar é cirúrgica, porque o que Ruy faz é projetar sua felicidade no corpo de Adda e, para que isso dê certo, ele precisa apoderar-se do corpo dela, controlá-lo.

### A VERDADEIRA HERANÇA

Na citação direta da seção anterior, Adda faz menção a uma mulher presa em casa pelas tranças, assim ela recupera a história de vida da mãe de Ruy. O que ela está dizendo, na verdade, é que não quer ser protagonista do mesmo enredo. Isso porque percebe que o filho parece trilhar o mesmo caminho do pai. Isso também é observado, de uma forma mais sutil, por Rôla. Ao ir visitar Flaviano, que tinha torcido o pé, ela passa por sítios, cenários de sua infância e da juventude. Acompanhava Ângela, nos raros passeios que Mangino lhe permitia, por aqueles campos, antiga fazenda de D. Constança. Já ali Ângela andava “ausente, aos suspiros”. Só podia sair com a permissão do marido. A única vez que não pediu a autorização, ao chegar em casa, foi esbofeteada. Rôla presenciou isso, vinha disso também o ódio do coronel para com ela. Conhecia seu lado mais sombrio, aquilo que, perante a sociedade escondia. A personagem era, assim, a única testemunha da sua fraqueza, das atitudes do passado, que agora no presente se transformaram em fantasmas que assombravam sua consciência culpada. Mas Rôla, discreta, “calara-se muito bem calada, mas guardava nitidamente na memória a lembrança daquela mão pequena e seca, **com que as mãos de Ruy se pareciam**, batendo brutalmente no rosto pálido da mulher” (p. 196, grifo nosso). O aposto dá a conotação crítica da narrativa. O fato é que Mangino oprimiu tanto a mulher, agredindo-a, prendendo-a pelo cabelo, que ela enlouqueceu, assim se dá sua morte. Mesmo sabendo disso, o coronel teme que o distúrbio de Ângela seja biológico e hereditário, que, por isso, o filho também fique louco. Isso atormenta o pai de Ruy, que vê o filho reproduzir até os mesmos gestos da mãe. O curioso é que a narrativa também parece apontar para essa propensão do personagem à loucura. No capítulo XII, “Ruy ia e vinha à espera de Adda, que lhe prometeu dar voltas pela praia” (p. 175). Aqui mais uma vez ele repete as mesmas atitudes do pai, cuja mania eram passeios intermináveis pelo corredor que ligava a sala à cozinha. O coronel, então, temia por ver no filho os gestos da mãe, mas não conseguia enxergar que ele ia repetindo mesmo as suas próprias manias. No parágrafo seguinte, Ruy parece alucinar:

A seus pés o ervaçal rasteiro, eriçado de cardos espinhentos, cipós e cabeça-de-frade, desenhavam sombras esquisitas, de animais fantásticos, aranhas negras, tarântulas formidáveis, polvos estendidos sobre o leito

frio do chão... A cada passo, Ruy julgava ver moverem-se à roda de seus pés esses seres estranhos, numa ameaça silenciosa e terrível (p. 176).

Assim como a mãe, Ruy também, ainda que em menor nível, é controlado pelo pai, que supervisionava até sua comida: “O coronel obstinava em fazer-lhe o prato. Dir-se-ia que os quinhões vinham pesados, como se se tratasse de um doente” (p. 207). Ruy se aproxima da loucura da mãe porque, assim como ela, também é uma vítima do pai. Ao tentar proteger o filho como sua propriedade, da forma que fazia com sua mulher, ele provoca também nele distúrbios psicológicos. Rôla, em seus pensamentos, desconsidera que Ruy também ficasse louco como Ângela: “não acreditava que o pai receasse vê-lo herdar a moléstia da mãe... [...] Bem sabia o coronel que o cérebro da mulher adoecera pelos martírios que ele lhe infligira” (p. 197). Nesse contexto, Ruy está propenso à loucura por estar submetido a uma situação semelhante à da mãe, vítima igualmente de Mangino. Não é um mal hereditário. Outro ponto é o fato de que Ruy é mais propenso, por ser homem, a herdar o comportamento agressivo do pai, uma conduta aprendida socialmente, dentro de uma estrutura patriarcal. No capítulo III, Ruy diz a Rôla que pensa que a objeção dela a seu casamento com Adda é por ser ele um condenado, “um marido perigoso...” (p. 35), pois, talvez, estivesse fadado ao mesmo destino da mãe. E é isso que Adda parece perceber nele, um perigo, mas não no sentido a que ele se refere nessa declaração. Em uma cena em que Rôla lhe pede que seja sincera com Ruy, que o deixa, já que aceitava as investidas de Eduardinho, ela responde que sentia gostar muito dele e não queria vê-lo sofrer. Contudo, ninguém achava possível ele desobedecer ao pai para casar-se com ela. Era um fraco, “só obstinado no ciúmes... Somente ela, Adda, não teria a mesma passividade de uma D. Angela”, a mãe contesta: “não compare Ruy ao pai”, e ela responde que “o sangue é o sangue” (p. 250). Em um contexto social em que, para muitos estudiosos da ciência, o cerne da condição da loucura feminina concentrava-se “na esfera da sua natureza e, sobretudo, da sua sexualidade” (Engel, 1997, p. 333), Júlia Lopes de Almeida, fora da curva, aborda o tema por outra perspectiva. O adoecimento mental das mulheres muitas das vezes poderia se dar, como ocorre a Ângela, pelo encarceramento. Adda pede para que Ruy seja menos ciumento, o que o personagem responde dizendo que não pode renunciar ao seu ciúme, porque ele está unido à sua alma, como a sua pele à sua carne. É como se fosse parte de sua natureza. Esse comportamento está tão impregnado nos moldes sociais, que é visto pelo personagem como natural. É o comportamento do pai, então, que, como homem, Ruy tem de herança. Por outro lado, não é pela promessa de ser livre que Adda foge com Eduardinho. É impreciso atribuir sua fuga a um motivo específico. Ela transitava entre dois mundos, em duas realidades e entre dois amores. Mas a imprecisão é parte significativa do entendimento do romance. Nem sempre há apenas um motivo que justifique as atitudes de um indivíduo. Vivendo em sociedade, há uma série de acontecimentos simultâneos e demandas impostas pelas relações de interdependências, o que torna difícil atribuir a apenas um motivo às atitudes de uma pessoa. *Cruel amor* indica também para a o fato de que a vida foge ao nosso controle. Adda tinha se decidido: ir

até Leonor, dizer-lhe que não poderia mais frequentar a sua casa, que encerrava para sempre aquela fase de sua vida e que iria se entregar toda ao amor de Ruy. Mas o despeito com que é tratada por aquela que outrora tinha considerado amiga torna-se intragável e transforma-se no estopim de sua fuga. Agora, com o orgulho ferido, fragilizada, de forma impulsiva, ela aceita, sem pensar, a proposta de Eduardinho. Vamos aos fatos!

## ENTRE O SONHO E A REALIDADE

Ninguém em Copacabana sabia de quem Adda era filha. Mas todos os pescadores mais antigos ali conheciam-na desde criança. Todos a tinham pegado no colo. Mas, na visão geral daquela comunidade, à medida que crescia, Adda “tomava ares de doutor”. Evitava até mesmo suas companheiras de infância, Hortênsia e Maria Adelaide, voltando-se “toda para dona Leonor, filha do ricoço Guidão”. Afinal, segundo o que parece ser reflexões de Ruy, uma era filha de um carpinteiro e noiva de um mestiço e a outra “fazia redes cantando para ajudar o pai”. Sem que ninguém soubesse como, ela insinuara-se “em casa do senador Guidão; herdava os vestidos de D. Leonor, que chegava a levá-la ao teatro e a outras festas consigo” (p. 52). A relação com a amiga rica dá a ela acesso ao mundo da burguesia. Para uma moça jovem e muito bela, limitada por sua condição social, era como ver a vida dos sonhos em uma vitrine, mas saber-se pobre demais para poder sequer entrar dentro da loja, senão como empregada. Ao ter conhecimento da fortuna de Leonor, de sua vida de luxo, de também, mesmo que rebaixada a uma pseudo amiga, com ares de dama de honra, participar daquele mundo, Adda se revolta com sua vida de privação. Com as investidas de Eduardinho, ela tem agora uma chance de participar daquele mundo não mais como uma criada que esperava ser chamada quando Leonor precisava que “ela fosse pregar os alfinetes ou pentear os cabelos da amiga” (p. 275), mas como alguém que iria “sortir-se na mesma modista, moraria em casa à parte, ajardinada” (p. 277). Algo, como reflete ainda a personagem, que ela não teria com Ruy, com quem estaria para sempre jungida à pobreza.

Além de começar a dar aulas de natação na praia para Adda, Eduardinho também, na companhia de Leonor, a busca para passeios de automóvel na Avenida Central. Aqui, Júlia Lopes de Almeida ficcionaliza um grande símbolo do processo de modernização pelo qual passava a cidade do Rio de Janeiro. Inaugurada em 1905, a Avenida Central<sup>2</sup> é um marco na vida urbana da elite carioca. Ela sintetizava “a modernização da capital e do país. Seria a vitrine, o espaço, enfim, para o desfile da modernidade do século XX, um instrumento para que a “civilização” chegasse ao povo, o modelo não apenas formal, mas ideológico a ser copiado” (Pinho, 1989, p. 15). Constituíam-se uma passarela por onde desfilava a burguesia. A Avenida também representava um país em transição socioeconômica: “instrumento de ruptura com a

<sup>2</sup> A Avenida Central foi inaugurada em 1905, no governo do prefeito Francisco Pereira Passos, mas foi remodelada anos depois e, em 1912, passou a se chamar Avenida Rio Branco, nome que tem até os dias atuais.

velha cidade colonial, que pouco se expandira em três séculos e meio de existência”. Ela seria, então, “a precursora de uma nova ordem, da modernidade que urgia em se manifestar, antes mesmo do apagar das luzes do século XIX” (Pinho, 1989, p. 3). Não é por acaso que Adda se insere, ou melhor, é inserida nesse cenário. A personagem representa também uma ruptura com velhos costumes. Assim como a cidade mudava, o comportamento social feminino fazia sua transição. A personagem, como já vimos, traz em si uma ideia de modernização. No excerto seguinte está registrado seu deslumbramento diante da nova arquitetura que ganhava forma na então capital do Brasil:

Quando entraram no fervilhamento das luzes da Avenida Central, Adda sentia-se desmaiar. Ia como num sonho. Toda a rua tumultuava, palpitava, sob a onda movediça do povo, dos carros e dos automóveis cheios. Até do asfalto e das pedras inanimadas das calçadas irrompia a animação da febre. Olhando por entre as pálpebras alquebradas para as três enormes filas de luzes, Adda tinha como a sensação extravagante de que elas teriam sido acesas em seu louvor! Nunca a certeza de sua formosura lhe sugerira uma ideia tão clara do seu prestígio na terra; afigurava-se-lhe que toda a gente voltava para ela os olhos como para uma rainha que passasse numa procissão (p. 257).

Era mesmo uma febre; dentre tantos, mais um vírus vindo da Europa chegava ao Brasil. A ânsia em se vestir e ter hábitos mais próximos possíveis dos moldes e dos costumes europeus havia contaminado o imaginário sociopolítico da cidade do Rio de Janeiro. Então, com a inauguração da Avenida Central, os passeios de automóveis pelo centro da cidade tornaram-se o mais novo hábito da elite burguesa, para sustentar a necessidade que esse grupo social tinha/tem de ostentar seu poder aquisitivo; era, antes de qualquer coisa, uma demonstração de *status*. As luzes das lâmpadas elétricas e combustores de gás chamam a atenção dos olhos de Adda, a fazem delirar. Ela sentia-se desmaiar, diz o narrador, ‘ia como num sonho’. Nisto vem seus devaneios, sentindo-se a pessoa mais importante ali, como se tudo fosse feito para ela. Ao entrar no mundo da elite, ela começa a se sentir e se ver a partir da perspectiva dessa classe. Na figura da rainha, a narrativa leva ao limiar da imaginação a sensação de importância que não só agora Adda se dá, mas a própria classe burguesa. Para essas voltas, inclusive, Adda, desconsiderando as próprias possibilidades de Rôla, pede para que esta lhe compre um véu, pois era mister “um véu grande e fino que lhe cobrisse o chapéu e a envolvesse. [...] Ela via às vezes à noite, à porta dos hotéis, certas mulheres elegantes, que se apeavam dos automóveis com véus assim” (p. 191). A mãe, sacrificando o par de sapatos de que precisava para si, compra-o para a filha. Mas, mesmo assim, nas voltas pela Avenida ela percebe o contraste entre seus trajes e os das mulheres ricas: “outros automóveis se cruzavam com o seu; alguns conduziam mulheres menos belas do que ela, mas refulgindo de luxos de pedrarias” (p. 258). Eduardinho tecia comentários sobre isso. Provavelmente como forma de ganhá-la para si, dizia que “a mulher

que fosse sua só trajaria sedas e rendas [...] Daria à sua noiva um colar rutilante de esmeralda quando se casasse”; depois, “ao sentir-se triste, bastaria repousar a cabeça sobre os ombros da amada, e ver-lhe a carne moça através do lampejo verde das pedras” (p. 258). A demonstração do poder aquisitivo do personagem, o foco naquilo que ele valoriza em uma mulher, sintetiza a valoração da materialidade no meio social de que ele faz parte. Mas também traz à baila uma consciência social preocupada em vestir-se de forma “elegante, sempre correto nos seus trajes inglês” (p. 276). Assim como o próprio ato de passear de carro já demonstra, a alusão às joias e às roupas caras sintetiza a máxima de uma sociedade capitalista: você vale aquilo que você tem. A sua felicidade nem se faria olhando diretamente para Adda, mas no reflexo que dela se veria nas pedras preciosas. Na volta para casa, pela Avenida Beira-Mar, ao sair do mundo delirante da elite e entrar no mundo real, que era o da pobreza, “a aragem fresca e salitrada da baía despertou a moça de um sonho” (p. 258). Agora ela era acometida por um sentimento “menos fictício”, era o mar lembrando-a de sua origem humilde.

Ruy, na outra ponta social, um homem cujo pai tinha recursos, mas com menor poder aquisitivo e projeção social que Eduardinho, não conseguia fazer muito para impressionar Adda, com promessas que sabia serem difíceis de cumprir. Nas cartas que envia para a amada, o jovem poeta aposta no romantismo. Escrevia declarações apaixonadas, em que lhe dizia que “não via no mundo outra mulher, ela era a sua ideia fixa, a sua estrela, a razão única da sua vida” (p. 251). Nas últimas correspondências, talvez por medo de estar perdendo Adda para Eduardinho, ele já não mais fazia cobranças e pedidos para que ela mudasse, escondesse sua beleza. Agora ele entregava-se a ela como um escravo em suas mãos. Se fosse rico a cobriria de tesouros, “oferecer-lhe-ia a lua, as estrelas, o firmamento constelado, todos os senhos de poeta amoroso, todas as suas ambições”, para que, assim, ela não pensasse em mais ninguém e “soubesse esperar até o dia em que, maior, assente na vida, ele a fosse buscar para a doçura do seu lar!” (p. 252). Em tons de alucinação febril, na perspectiva do narrador, ele assumia ares idealistas, prometendo a Adda dar-lhe, quando formado, joias; levá-la a passeios de automóvel, aos cassinos e teatros. Pedia-lhe perdão por tantas vezes exigir que se fizesse feia; rogava-lhe que o amasse, só a ele. A jovem, em um misto de espanto e de piedade, admirava-se das promessas contidas na correspondência, sabia que ele não tinha condições de cumpri-las: “aonde iria, senão em imaginação, buscar esse luxo tentador que lhe oferecia como prêmio de um amor de que exigia dantes tantos sacrifícios?” (p. 253). O risco de que o amor de Adda escape de suas mãos faz com que Ruy mude de atitude, ele já não exige sacrifícios, mas agora tenta uma espécie de suborno, comprar o amor da personagem com promessas de um futuro luxuoso. Mas ele, além de pobre, é subordinado ao pai, alienado às suas vontades, afinal também é menor de idade ainda. Isso contribui para que Adda, no fim, escolha fugir com Eduardinho. Este, diferente daquele, parece menos subordinado às vontades da família, além de pertencer a outro extrato social, em que a dinâmica podia ser diversa. Na última vez em que a jovem é chamada por Leonor para que a ajude a se vestir, antes de entrar na casa, ela

passa pela varanda, onde está o rapaz. Estava sentado em uma cadeira de vime, “apreciando um havana... [...] Estava só; ao senti-la perto, levantou-se e puxou-a para si, num aperto de mão lento e amoroso” (p. 254). Vestido de casimira inglesa, todo ele rescendia a tabaco fino. Contraste direto com “os ternos de casimira baratos” (p. 252), com as gravatinhas de linhos e os chapéus baratos de Ruy. Ser desejada por alguém tão elegante assim a envaidece. Quem não gostou nada da cena foi a avó: “D. Delfina, fazendo ranger com força a porta de vidro, apareceu no limiar” (p. 254). No tom da sua voz, notava-se o seu aborrecimento. Eduardinho adivinha o porquê desse mau humor, mas não lhe valia de nada, “já tinha resolvido que Adda havia de ser sua!” (p. 255).

Depois desse dia, a bela jovem pobre não mais foi chamada à casa do senador Guidão. Como ficará claro, a família havia percebido os interesses do neto em Adda. A possibilidade de tornar-se mulher de Eduardinho faz com que Leonor corte relações com ela. Mas a personagem esperava confiante, “havia de chegar a hora em que, no chalé de Ipanema, precisassem que ela fosse pregar os alfinetes ou pentear os cabelos da amiga desajeitada” (p. 275). Embora use sempre o termo ‘amiga’, a relação entre elas nunca passou de um trabalho de Adda para Leonor, tendo como pagamento vestidos usados. Era comum, até a metade do século XX, as mulheres das classes altas ter empregadas para dar-lhes banhos, vesti-las, penteá-las e fazer ajustes em suas roupas. A particularidade da relação de Leonor e Adda é esta não ser oficialmente sua empregada. Assim, Leonor aproveita-se da condição social de Adda para explorá-la. Em seus pensamentos Adda mói e remói os motivos que levaram Leonor a se afastar. Percebera que tudo tinha começado na noite do passeio de automóvel, mas sentia-se isenta de qualquer culpa, não podia ser responsabilizada pelos sentimentos de Eduardinho. Considerando a ideia de culpabilidade feminina que atravessa o romance, ao se eximir de qualquer culpa, seja pelo amor de Ruy, pelos interesses de Eduardo ou pelo abandono materno, Adda, a personagem de traços revolucionários, diz o tempo todo: eu não sou culpada de nada. No período em que se manteve em casa, a protagonista vivia com expressões de divagações. Seus pensamentos estavam presos nos conflitos entre seus sentimentos e seus interesses. Ruy era o seu amor desde muito nova. Com ares românticos e voltado para a natureza, “a ensinara a olhar para as estrelas, a ouvir os murmúrios das ondas” (p. 276). Aqui, por um momento, a perspectiva sobre essa relação mantida entre os dois muda, e o foco passa a ser no lado bom. Para além das cobranças intermináveis, também houve momentos de ternura e de trocas. Mas, casando-se com ele, estaria condenada à pobreza e aos seus ciúmes excessivos; o que, na sua cabeça, desenhava-se ao contrário do que seria sua vida com Eduardinho. Os dias passam, com ausência de Ruy, voltado para os exames finais e com a corte do sobrinho de Leonor, todos os dias a visitá-la. Em umas dessas visitas, lhe diz, na terceira pessoa do plural, que em casa “têm-se” notado a falta dela. O uso do tempo verbal indefinido instiga Adda, renova suas esperanças. Sentiam a sua falta, “logo, a Leonor não estaria zangada... talvez que a própria D. Delfina a considerasse como uma ingrata...” (p. 279). Nesta noite, chega até ela uma nova carta de Ruy,

mais enfática. Tinha tomado conhecimento de mais outro passeio de automóvel que ela dera na companhia de Eduardinho. Vinha, então, por meio da carta, alertá-la sobre as intenções escusas do rapaz. Pedia-lhe que não se deixasse iludir por promessas vãs e voltasse seus olhos para o amor puro que ele tinha por ela. Nessa parte, suas súplicas assumem ares de possessividade: “não lhe fugisse, não o abandonasse, não o enlouquecesse” (p. 279). Seu último brado de misericórdia convence a moça, que chega à conclusão de que é ao lado “deste grande coração que ela encontraria a felicidade. Eduardo era o desvario; Ruy era o amor. Ficaria para sempre nos braços do seu amor antigo”. Por toda a noite, ela não dormiu:

revolveu-se na cama, sem poder dormir, fixando-se na resolução de fugir para sempre do Eduardinho e da família Guidão. Toda ela devia ser de Ruy, a quem já se prometera desde o lindo raiar da sua mocidade. Voltaria para ele, modestamente, honestamente. Ele fizera bem em escrever-lhe aquela carta tão sentida, tão profundamente verdadeira. Pensando bem, o Eduardinho desgostara-a com a sua grosseira oferta de joias; vinha-lhe o arrepio do arrependimento. Voltava para o seu amor antigo, como uma andorinha para a primavera! Sabia bem o que a esperava: sacrifício e pobreza; mas a sinceridade de Ruy merecia-lhe aquela abnegação. Depois, se os outros esperavam humilhá-la, perderiam bem o seu tempo. Seria ela quem se afastaria primeiro. Como o dia tardava! Ela ansiava por correr ao lindo chalé do Ipanema, onde tantas vezes se arrastara de joelhos pregando os alfinetes nas saias da amiga egoísta, para lhe dizer um adeus altivo e dissuadir o Eduardinho. Compreendia enfim que só a tinham estimado por carecerem dos seus favores, mas que todos se empertigavam agora, só com a simples ideia de que ela pudesse vir a ser da família... A sua dignidade revoltava-se. Decidiu fazer ponto naquele capítulo de faceirice voluptuosa que a ia enredando (p. 280).

A joia ofertada pelo rapaz foi em substituição ao anel que Ruy lhe havia dado. É um símbolo de compromisso. A princípio, Adda se entusiasma: “como seria o anel?... Talvez parecido com o de Leonor, que lhe iluminava os gestos e poetizava as mãos...” (p. 279). O predicado de amor – velho – repetida pela segunda vez, aliado ao que vem logo em seguida, gera um sentimento de que Adda estava voltando para o antigo conceito de amor, no qual ela teria como certo seu sacrifício. Decidida, ela vai até a casa de Leonor. Queria apenas por um ponto final nesse episódio de sua vida. Na residência do senador, entra pelo portão, sobe os degraus da escada e aperta a campainha. “Neste instante viu através dos vidros da porta passar lentamente, do salão, para a sala de jantar, a figura impassível de Leonor, que voltou para ela o rosto pálido, em que os olhos pareciam ainda mais sérios e mais frios, e sumiu-se sem dar um passo ao seu encontro” (p. 181). O desaforo tira-lhe o chão. Morta de raiva, volta a tocar a campainha. Mas apenas um criado vem dizer-lhe, por uma frincha mal aberta da porta, que as senhoras não

estavam em casa. Adda sai correndo, meio tonta. Ao voltar-se para a janela da sala, na busca de ver Eduardinho, vê o velho coronel Mangino, rindo-se da sua desgraça. Mas o rapaz não deixou de ir ao seu encalço. Vinha pedir desculpa pela desfeita da tia e propôs-lhe, na mesma noite, uma fuga. A esperaria “na esquina da Rua da Nossa Senhora, às nove horas” (p. 283). Adda não diz que sim nem que não e entra em casa. Neste instante, Mangino passa na rua, ia para casa contar a novidade ao filho. Ruy não reage como o pai esperava, em um rompante, sai correndo em direção à casa de Adda. No momento em que ele chega na residência, ela já tinha fugido pela janela, ao encontro de Eduardinho, deixando apenas uma carta para a mãe.

Capítulos antes, Rôla encontra-se com Mangino em casa de D. Delfina, para convencê-lo a que deixasse o filho namorar com Adda. Para isso, se o problema fosse o ódio do coronel para com ela, iria embora, sumiria no mundo. O que lhe importava era a felicidade da filha. Mas a verdade era que ele queria mesmo era ver o filho casado com Leonor, porque nutria ambições de ascender socialmente. O fato é que, nessa cena, pegando uma deixa de Rôla, ele a induz a pensar que Adda poderia ser sua filha, irmã de Ruy. Isso tornava o amor dos dois, impossível. D. Ricarda dissuade a amiga. Era uma maldade do coronel para afastar o casal. Mas esse encontro, imprevisivelmente, serve aos interesses de Mangino, pois ele, assim, começa a estabelecer um vínculo com a família do senador. A costureira conta tudo isso ao jovem, mas ele, no dia seguinte, lhe envia uma carta, na qual diz que o pai lhe negou tudo. Ruy escolhe o lado do pai desde o princípio. Ele parece ser incapaz de desobedecer ao pai e assumir o comando de sua vida. No início, ele já tinha descoberto que o coronel era o causador da morte da mãe e, mesmo assim, não fez nada. Suas características desenham um personagem romântico, idealista, mas, na prática, não consegue ultrapassar os limites da vontade do pai. Vive uma vida acomodada, de um rapaz burguês e desobrigado do trabalho. Não por acaso estuda Direito, faculdade que negligencia. No final do romance, ele aparece na festa de São Pedro. Agora como se fosse um novo homem, austero, mais desinteressado “daquela sociedade humilde, que principiava a trata-lo por senhor” (p. 318). Também menos romântico: daquele “menino dócil, impressionável, contemplativo e piedoso, aí vinha até à beira do abismo o homem desafiador da fatalidade. Poderia agora cair um raio, que ele se sentia bastante forte para o aparar nas mãos...” (p. 318).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os pilares que sustentam toda a estrutura da sociedade são patriarcais, dessa forma, dão aos homens a prerrogativa de exigirem das mulheres que renunciem a si mesmas em prol do crescimento deles. Assim Ruy faz, sem rodeios, quando pede para que Adda se sacrifique, deixe de lado sua vaidade, os vestidos que ganha de Leonor, para que possa ser sua mulher, a doce mãe dos seus filhos, “a companheira interessada de toda a minha vida de trabalho e agitação” (p. 64). Adda foge por encontrar em Eduardinho uma possibilidade, mesmo na incerteza, de melhorar sua vida. Ela aposta no desconhecido, ao invés de ficar e casar-se com



Ruy, em quem vê, em função do passado da mãe, uma possibilidade de futuro. A desfeita no tratamento recebido por parte de Leonor, a figura impassível de Mangino na varanda, impulsionam sua decisão. Mas como mulher sua reputação é melindrosa, suas certezas, ao fugir sem ter casado, são nulas. Ruy, na página 279, alerta Adda sobre a reputação de estroina de Eduardinho. Fortunata, na casa de Maria Adelaide, faz alusão ao fato de que o avô dele é um senador e que pode, assim, mexer seus contatos para que tudo fique como sempre esteve. Nesse cenário, Adda, como uma mulher pobre, é a única que tem seu futuro posto em perigo; Eduardinho não só é homem, como também rico e, sobretudo, neto de um homem influente na política. Ele pode ou não estar falando a verdade. Pode, dessa forma, ser sua mulher por toda a vida ou apenas sua amante por um dia. Como homem, consegue facilmente descartá-la logo que, se for de fato um estroina, consiga aquilo que quer.

Mangino, Rôla, Adda e Ruy estão conectados, são histórias que se entrecruzam. Nesse sentido, o passado atravessa o presente, em certa medida, interferindo nos rumos que a vida dos personagens vai tomando. Pelo que se passou entre Rôla e o coronel, no presente Ruy e Adda enfrentam dificuldades em engatar um namoro; pelo controle obsessivo de pai para com o filho, por sua influência sobre este, e também pelo próprio exemplo, torna Ruy um marido perigoso para Adda, mesmo ela sentindo que o ama, não se sente segura em ficar com ele.

Por outro lado, a experiência de vida de Rôla influencia na forma como ela cria a filha, não cerceando sua liberdade. É uma mãe mais condescendente; sobre isso, há a cena em que diz a D. Ricarda que deixe que a filha se distraia, pois “lá virá o tempo de sofrer” (p. 69). As vidas desses personagens, de uma forma ou de outra, estão interligadas por fios invisíveis. As decisões que Adda toma não são apenas dela, estão atravessadas por suas relações com as pessoas com quem convivem e com quem estabeleceu alguma forma de relacionamento; mais que isso, por coisas que aconteceram muito antes dela nascer. Seu destino fica em aberto, pois é muito incerto. Nesse sentido, passado, presente e futuro se misturam. Há aqui um emaranhado de circunstâncias que, assim como na rede de relações móveis de Norbert Elias, estão além do controle de cada indivíduo. A última atitude de Adda é mais sobre Leonor do que sobre a vontade da própria personagem. É por encontrar na fuga com Eduardinho uma possibilidade de se vingar da amiga ingrata que ela aceita a proposta. Esse complexo entrelaçamento de relações talvez esteja metaforizado nas redes dos pescadores do romance, prendendo vidas, que se debatem, na ânsia de sobreviver.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Júlia Lopes. **Cruel amor**. Rio de Janeiro: Janela Amarela, 2021.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

PINHO, Claudia Madureira de. **Uma passarela para a modernidade:** da Avenida Central à Avenida Rio Branco, o desfile do século. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/6837>. Acesso em: 25 mar. 2024.

SOIBET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. *In: História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 1997, p. 362-399.*

TELES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. *In: História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 1997, p. 401-442.*

Recebido para publicação em: 27 jun. 2024.

Aceito para publicação em: 2 set. 2024.